

SUPPLEMENTO

AO N.º 146 DO

POVO DE AVEIRO

Aos nossos leitores e assignantes

O vento da desgraça, que tanto se apraz em fustigar os partidos populares, como se a fatalidade quizera em duras provas experimentar os que se preparam para as grandes transformações sociaes, açoutou-nos cruelmente no domingo passado. O *Povo de Aveiro* soffreu um grandissimo revez com o pavoroso incendio que devorou rapido as suas officinas, que lhe queimou o ultimo instrumento do trabalho, que lhe reduziu a cinzas o mais infimo papel, o mais insignificante documento, a mais fraca das suas colleções. O trabalho de trez annos destruido n'uma hora! A dedicação heroica de poucos individuos, deixem-nos hoje ao menos esta expansão, a esvaecer-se nas labaredas d'um incendio medonho! A coragem d'uma pequenissima fracção republicana a dissipar-se com o fumo!

Algun misero haverá que bata as palmas de contente e ria sobre o nosso infortunio do fundo da sua malvadez, da sua vaidade petulante que algum dia não quizermos poupar, ou do fundo da sua covardia. Algun pobre ignorante existirá, que mostre o dedo da providencia a pairar sobre o incendio que nos feriu. Sêde tranquillos. Ha homens que se não abatem assim com a desgraça. Descançae, que ainda nos haveis de aturar por muito tempo.

Querer é poder, diz o ditado. O *Povo de Aveiro* portanto VIVERÁ, porque nós queremos que elle viva. Viverá no meio d'esta lucta tenaz, sem treguas nem descanso, que vem sustentando desde o seu primeiro dia em prol da liberdade, dos principios puros da Republica, do engrandecimento do seu paiz, da regeneração da sua querida terra, linda como a mais linda das cidades lendarias dos cavalleiros do Propheta, mas estiolada pelo tapete de galrachos que a cobre. Viverá ceifando nulidades, alluindo presumpções, saltando aqui e alem a consagrar o merito e a restabelecer a verdade e a justiça. Que importa a perseguição e a calumnia? O Christo disse bem: — n'este mundo passageiro e ephemero o bem es-

tar é um perigo. Enerva e o incommodo retempera. Ai d'aquelles que esperam recompensas no presente. A justiça quando se grava, é na campa despretençiosa e rasa dos luctadores da humanidade.

Viverá, e ainda bem que muitos desejam que elle viva. O que nos consola n'este instante são as desenhas de instigações e offerecimentos valiosos que nos chegam de toda a parte, por onde se vê que um modesto semanario de provincia estendia ao longe a sua influencia. A garantia da vida d'este jornal está, pois, na ultima demonstração cathgorica das suas sympathias e na energia e boa vontade com que os seus proprietarios lhe concederam os recursos necessarios á existencia, sem trepidar perante novos sacrificios. Não souberam andar para traz, porque se acostumaram de vez a andar para deante. Andaremos, então, para deante.

Resta-nos agora trabalhar na reconstituição do *Povo de Aveiro* e appellar para o cavalheirismo e generosidade d'assignantes e leitores. Um jornal não se faz n'uma hora. As nossas officinas foram destruidas exactamente na noute em que se deveria imprimir o nosso semanario. Por conseguinte, foi inteiramente impossivel distribuir esse numero. Depois reuniram-se os seus proprietarios para decidir da sua sorte. Votouse a sua continuação, mas por muito cedo que se votasse não poderíamos hoje publicar um numero inteiro, o que esperámos fazer no domingo immediato. Julgámos, pois, que os nossos assignantes nos desculparão de sobrejo estas duas faltas necessarias e fataes.

Como já dissemos, nem um papel salvámos do incendio terrivel. D'aqui irregularidades importantes que se vão dar na remessa do *Povo de Aveiro* e na cobrança a que estavamos procedendo. E' exactamente onde a dignidade e boa vontade dos assignantes se nos torna mais precisa. Desejariamos que nos fornecessem os esclarecimentos e indicações indispensaveis para conti-

nuarem a receber o jornal e cumprirem os seus compromissos. Esperâmol-o, acreditâmos mesmo que ao desastre que soffremos responderão com o maximo cavalheirismo, enviando-nos de prompto as informações necessarias com o pagamento das suas assignaturas vencidas, pagamento que tão indispensavel se nos torna n'esta occasião. E pensâmos que não é exigir muito da parte dos que sacrificam tudo n'uma guerra encarniçada aos defeitos, podridões e torpezas d'esta sociedade gasta e corrupta. Quem comprehende o sacrificio de meia duzia de homens, que n'uma pequena cidade de provincia levantam tão alto a bandeira radical, independente, intransigente com tudo e todos que são maus? Quem conhece a guerra presistente d'embuscada que se move a quem tal faz nos pequenos centros provincianos? Os que o comprehendem e conhecem julgarão se é justificado ou não o desejo ardente que possuímos de montar novamente a nossa administração com a maxima regularidade. Esses serão com certeza tão pontuaes na execução dos seus compromissos, como nós o temos sido na execução dos nossos.

De resto, a attitudo do *Povo de Aveiro* será a mesma que tem sido até aqui. Continuará sahindo todos os domingos para a rua de camisa lavada e cabeça erguida. Não se affastará uma pollegada do caminho que segue ha tres annos. Os que quizerem vir conosco, que venham; os que não quizerem que fiquem na estrada, na certeza de que queimarêmos o ultimo cartucho em defesa dos bons principios. Se cahirmos um dia na batalha, é porque cahimos feridos de morte no coração, sem um unico extremo, sem força para empunhar a espada leal do combate. Então sentirão muitos, até alguns dos nossos inimigos, a falta que lhe havemos de fazer. Mas por ora é cedo para cahir.

Até breve.

A EMPREZA.